

Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva

Russell Parry Scott*
Marion Quadros**
Márcia Longhi***

Com base em quatro grupos focais realizados com jovens moradores do bairro do Ibura no Recife em 2001, compara a perspectiva dos jovens e das jovens ao abordar vários assuntos relacionados com saúde reprodutiva. Abordaram-se a vida produtiva, reprodução e sexualidade e a socialização e as relações entre pais e filhos, cada um dos assuntos tratados explicitamente nos grupos. O enfoque do trabalho é duplo: primeiro, identifica os itens de maior convergência entre jovens para compreender a especificidade do contexto de moradia popular urbana; segundo, identifica como diferem as abordagens de rapazes e moças sobre assuntos semelhantes para ver a especificidade de percepções generalizadas. A interpretação realça inicialmente as diferenças na descrição de ambientes de moradia e de trabalho e depois lida com a noção de violência e de relações de vizinhança. Em seguida, aborda a formação cotidiana da vida familiar e da vivência da sexualidade e de prevenção, comparando as práticas e discurso de jovens masculinos e femininos. Aponta que os campos de referências femininas e masculinas são diferentes sobre as noções de cuidados e prevenção, sobre articulação de relações de vizinhança, bem como sobre o envolvimento dos jovens com o mundo de trabalho e de capacitação. Com base nestes resultados, apresentam-se algumas recomendações preliminares sobre como encaminhar demandas diferenciadas por gênero na área de saúde reprodutiva, com respeito às especificidades de grupos populares urbanos.

Existe um jeito diferente dos/das jovens reportarem as suas experiências de vida? O jovem vive a juventude no seu bairro de uma maneira e a jovem de outra? Como o gênero e a geração influenciam a formação de discursos diferentes de uma mesma realidade vivida? Ao ouvir jovens do bairro popular do Ibura, no Recife, falarem sobre a sua vivência no bairro, a sexualidade e a família, é possível reconhecer a formação de domínios diferenciados por sexo.

Ouvindo os residentes deste bairro falarem sobre a formação e a convivência familiar, suas idéias/demandas sobre saúde reprodutiva e o ambiente social da comunidade, a finalidade deste trabalho é perceber como, nesta multiplicidade de campos, as relações de gênero se manifestam para esta geração e como isto se relaciona com as demandas da saúde reprodutiva. Tendo ouvido o discurso dos jovens e das jovens em quatro sessões de grupos de discussão

* Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação de Antropologia e de Sociologia, Coordenador do FAGES (Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade) e integrante do Núcleo de Saúde Pública (NUSP) da Universidade Federal de Pernambuco, Membro da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento.

** Doutoranda em Sociologia e pesquisadora do FAGES (Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade)/UFPE.

*** Mestra em Antropologia e pesquisadora do FAGES (Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade)/UFPE.

promovidos pela equipe de pesquisa do FAGES, apresentamos uma primeira análise das falas com relação à avaliação do ambiente social do bairro, das oportunidades de capacitação e emprego, das relações entre pais e filhos, da formação da família, para desembocar numa compreensão mais plena do discurso sobre ficar/namorar/casar, sobre a gravidez, a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST's), AIDS, a contracepção e o aborto. Cabe assinalar que colocar os jovens, especificamente neste caso aqueles que pertencem a grupos populares, como sujeitos, possibilitando que falem sobre suas vivências cotidianas, é uma forma de vê-los como capazes de formular reflexões e elaborar sugestões importantes para a solução de problemas próprios de sua realidade social e geracional, evitando assim a perspectiva limitada que os trate como "problemas sociais". (Abramo 1997)

A interpretação destes dados revelou algumas regularidades que chamaram a nossa atenção na pesquisa, mas é a constituição das relações de gênero e geração no contexto da pobreza urbana que interessa, muito mais que as especificidades de cada campo. Já existia um conhecimento prévio do bairro, fruto de observações, entrevistas, feiras e reuniões, mas, nesse momento, priorizamos focalizar os grupos de discussão, o que implica privilegiar dados que informem principalmente sobre atitudes e valores do grupo cultural e, secundariamente, sobre comportamentos comprováveis através de fontes múltiplas.

Trabalhando num bairro onde já realizávamos pesquisa de observação e entrevistas, foram formados dois grupos de discussão, um com seis rapazes e outro com seis moças, na faixa etária entre 18 e 25 anos. As reuniões foram realizadas em duas sessões com cada grupo de jovens, cada qual com duração de 3 horas, em média, totalizando quatro sessões. A primeira sessão versava sobre a vida sexual e reprodutiva e o roteiro contemplava os temas: ficar, namorar e casar; decisão de ter filhos; socialização dos filhos, brigas, separações conjugais e cuidados pessoais com a saúde. A segunda sessão tratava da

vida produtiva e da comunidade e teve como fio condutor os temas: avaliação do sistema de saúde no bairro, acesso a cursos de capacitação e oportunidades de trabalho; violência comunitária e doméstica e opinião sobre o local de moradia.

Os/as jovens que participaram dos grupos de discussão são moradores de um dos maiores, mais pobres e populosos bairros do Recife e, portanto, enfrentam todas as problemáticas próprias da idade e do grupo social a que pertencem. A maioria, com exceção daqueles/as que no momento dispunham de um núcleo familiar próprio (duas moças e um rapaz), moravam com a família de origem. Nos grupos, os/as jovens falaram de suas vidas e do cotidiano da comunidade da qual fazem parte. Entremendo representações do senso comum com conceitos advindos de suas vivências pessoais, retrataram sua realidade a partir dos significados simbólicos construídos num tempo e espaço específicos.

O contexto enfocado nesse trabalho é o da casa, da vizinhança e das organizações comunitárias em contraste com um "mundo" visto como externo aos moradores. Identificamos uma convergência muito forte na maneira de encarar estas vivências nesta geração; o fato de os/as jovens ouvidos/ouvidas estarem numa fase de "ambigüidade participativa em ciclos domésticos" ajuda na interpretação de algumas destas convergências. Os jovens ouvidos passaram suas vidas como filhos e filhas em casas comandadas por outros e, portanto, formaram uma prática e um discurso que os coloca como "receptores, beneficiados ou vitimizados" de ações e sistemas de valores dos seus pais. Ao mesmo tempo, chegaram a uma idade em que o seu estabelecimento numa residência independente exige uma afirmação da capacidade de enxergar bem o que precisam fazer para cuidar de si mesmos. Nesta etapa do ciclo de vida os/as jovens esboçam diferentes abordagens de acordo com o gênero; o pouco tempo de "vida independente" denuncia um controle ainda incipiente de recursos para se afirmarem plenamente enquanto "mulheres" e "homens" adultos, moradores respeitados do bairro. A vivência observada pode ser

dividida em dois campos fortemente marcados por gênero: sexualidade/domesticidade e segurança/emprego.

O que chamamos de recursos são elementos do ambiente de convivência cujo uso implica na criação de um capital social nos campos de gênero e geração, dentre os quais destacamos relações sociais, capacitação, emprego e renda. As relações sociais são de dimensões diferentes, passando de (1) relações sociais com pessoas do âmbito doméstico, para (2) relações com pessoas próximas ao grupo familiar (parentes, amigos e vizinhos), e chegando até (3) relações com pessoas mais distantes (conhecidos, profissionais e outros). A capacitação envolve um domínio adquirido que possa habilitar uma pessoa para exercer determinadas funções relacionadas com a vivência do bairro. O emprego e a renda envolvem o acesso a um fluxo de recursos materiais capazes de contribuir para o sustento do grupo. Assim, ao identificar diferenças de gênero, as perguntas que enfatizamos são: com quem se relacionam e como operacionalizam estas relações para se afirmarem enquanto jovens? Qual a sua capacitação particular? Quais as formas disponíveis de geração de renda?

O contexto urbano é permeado por hierarquias, mas a multiplicidade de hierarquias emite sinais cruzados sobre a posição relativa de mulheres e homens neste contexto. Os observadores de parentesco no meio urbano (Woortmann 1982, 1987; Neves 1985; Scott 1990, 1993 e 1996) e, mais enfaticamente, naquele marcado pela pobreza insistem que as relações entre parentes evidenciam um maior realce às relações entre mães e filhas, muitas vezes relegando as relações dos diversos familiares com os homens a um papel secundário na formação de redes de parentesco. Tanto pesquisadores quanto instituições governamentais e não governamentais pautam grande parte da sua produção de trabalhos escritos e de ações sobre esta presença feminina acentuada entre os pobres urbanos, privilegiando mulheres e jovens. O incremento de estudos sobre homens neste campo de

conhecimento (Arihla 1999, 2000; Nascimento 1999; Longhi 2001; Vigoya 1999; Olavarria 1999), reforçado na última década, tem evidenciado como a família e o parentesco estão presentes nas percepções e ações masculinas, porém predomina ainda a ênfase feminina, quando se enfoca o âmbito doméstico.

As observações do parágrafo anterior referem-se a “os observadores de parentesco”. Se tivéssemos trocado a palavra “parentesco” pela palavra “violência”, grande parte dos sinais de gênero teriam que ser trocados (Zaluar 1985 e 1994). Quando o assunto é violência, fala-se muito dos homens e pouco das mulheres (a não ser quando são “vítimas”, ou, mais recentemente, com o estudo de mulheres infratoras). Parece que estamos diante de uma espécie de “discurso pronto”. Mas, igualmente, a violência está incorporada às percepções e ações femininas, sem negar que a construção destas realidades (parentesco, violência, ou qualquer outra) tende a ter uma ênfase diferenciada de gênero.

O argumento defendido aqui é que a manipulação diferenciada pelos/pelas jovens das informações constituintes de cada campo de conhecimento e ação fornece a matéria-prima para a formação da compreensão das relações de gênero desiguais no interior da geração jovem. Não é simplesmente através da identificação de um campo como marcadamente masculino ou feminino que enxergaremos a formação das relações de gênero. A multiplicidade de campos é entrecortada por algumas regularidades no discurso que associam alguns valores ao feminino e outros ao masculino. O desvendado destas regularidades nesta multiplicidade de campos, há tempos reconhecido como transversalidade do gênero, remete para uma leitura do processo da formação das relações de poder entre gerações e gênero que independe do campo específico em questão. Ao ouvir os/as jovens falarem sobre assuntos diferentes, o nosso objeto de investigação ultrapassa os limites da constituição destes campos, justamente para perguntar sobre a constituição “gerada” da juventude.

Lembrando que os eixos sexualidade/domesticidade e segurança/emprego agrupam boa parte do conteúdo dos grupos de discussão, antecipando alguns dos resultados da interpretação, os/as jovens se diferenciavam em alguns pontos gerais. Os rapazes “normalizam” em torno do comportamento, fazendo idealizações do correto de acordo com o gênero sobre a família e a sexualidade, enquanto as moças são mais descritivas e menos prescritivas quanto a estas questões. As jovens são a encarnação da valorização da família, da sexualidade e do seu controle próprio, enquanto os rapazes estão em constante procura de afirmação num ambiente extra-doméstico, o ambiente do mundo incontrolável que os ameaça e lhes fornece um recurso para se representarem como provedores de segurança doméstica.

Os/as jovens possuem a família como referência, mas as moças o fazem a partir de uma rede de relações construídas entre os seus componentes, e os rapazes se referenciam a partir de uma imagem do **mundo violento** que se contrasta à **família solidária** idealizada. Isto lembra a inserção de mulheres e homens numa dicotomia privado/público (Scott 1993) frequentemente observada na literatura, mas, ao se tratar de jovens com a vivência de uma ambigüidade participativa em fases de ciclos domésticos e controle incipiente de recursos, é possível ver o efeito da geração nestas vivências.

Ambientes sociais diferentes: a família feminina e o mundo masculino

As diferenças nas falas e nas experiências que podemos relacionar com as questões de gênero e de geração incluem a referência à inserção em redes de relações de dimensões diferentes. Nestas redes são importantes a valorização de capacitação e trabalho, a convivência com a vizinhança e com a violência no bairro e na família, o controle familiar nas vivências

cotidianas dos/das jovens, inclusive no namoro, na gravidez, no aborto e na prevenção.

Logo nas apresentações, as jovens e os jovens se caracterizam diferentemente. Enquanto as jovens falam das suas situações familiares, como por exemplo, do seu estado conjugal, de quem são filhas ou mães, dos irmãos e irmãs, os rapazes são muito mais omissos sobre esses detalhes, preferindo reforçar mais o nome da localidade e o tempo de residência como demarcadores de familiaridade com o local. As moças ressaltam a “normalidade” da sua vida dizendo que “fazem as coisas” (referindo sobretudo ao trabalho da casa), cuidam dos filhos com o apoio de familiares e vizinhas, freqüentemente relatam um dia normal de atividades. O silêncio relativo dos rapazes sobre as atividades cotidianas e a situação familiar fica em contraste direto com as considerações das moças, que, nas suas apresentações iniciais, chegam a apontar necessidades de trabalhar para suprir as indisposições dos pais e desavenças com ex-companheiros. Há um convite implícito das jovens para conversar sobre a família e as ações, enquanto o convite masculino é para falar sobre o mundo do bairro.

No decorrer da discussão no grupo, nas indagações sobre a vida cotidiana, tanto moças quanto rapazes falam com desenvoltura sobre as suas situações familiares diante de estímulos diretos, mas ainda se detecta uma orientação diferente nas ênfases sobre o controle destas situações. Mesmo quando os jovens apresentam condições complexas de difícil resolução, eles enfatizam a identificação de possíveis soluções destas situações que eles idealizam, enquanto as jovens relatam as suas estratégias de ação e de inter-relação diante das condições vividas. Esta identificação feminina com as suas ações e a casa, sua composição e a montagem de estratégias *versus* identificação masculina com o local e o domínio real ou ideal sobre as condições existentes

evidencia uma orientação diferenciada de discurso e de espaço social.¹

A dificuldade de lidar com a complexidade do mundo extra-doméstico foi retratada no comentário sobre a abrangência das ações de dois líderes comunitários feito por um rapaz: “*é um mundo muito grande para eles dois abraçarem.*” Mas é neste mundo que os rapazes demonstram o seu conhecimento. Após uma longa sessão de relatos sobre incidentes de violência na comunidade entre bandidos e policiais corruptos, um dos rapazes falou: “*o que a gente pode fazer individualmente é não andar armado e não arrumar confusão. Mais do que isso é transformar a nossa casa numa delegacia e botar grade. Quem fica preso é a gente, e os bandidos ficam soltos.*” A montagem do retrato do perigo da rua é povoada por detalhes de acordos entre policiais e bandidos, negócios sobre balas e armas, perseguições e assassinatos, familiaridade com drogas e bocas de fumo, como na afirmação de um rapaz: “*a gente convive lá no bairro, a gente sabe quem é maconheiro.*” Todos falam com a intimidade de quem experimentou, viveu, conheceu e conviveu com a violência e o mundo de drogas do pobre, um mundo que inclui maconha, ropinol, cola e artane. Além de evidenciarem experiência e conhecimento deste mundo perigoso, os homens jovens mostram indignação quando este mundo invade a família, acontecimento que não é esporádico. A impossibilidade de ficar na calçada à noite, a salvação de uma vítima de ser morta porque os bandidos conheciam e “consideravam” seu pai, os homens sendo revistados pela polícia “*mesmo na frente dos amigos lá, dos colegas*”, a prática da violência sexual “*logo na frente do cara [namorado]*” são citados como problemas

ligados à violência que delimitam a convivência no bairro.

O incômodo também está presente quando a ameaça e a realidade da violência ficam mais próximas da casa. A violência dentro da casa, produzida por pais e maridos, embriagados ou revoltados, revela outra face sobre a construção de uma masculinidade na comunidade. Na conversa dos rapazes, existe a condenação do bêbado e do violento em casa, mas eles também falam da fragilidade do homem neste contexto. Enquanto um relata uma história na qual a mulher apanhava, mas a mulher *direitinha*, o cara chega bêbado, a mulher não é safada e ele mete o cacete nela sem ter nada a ver”, outro fala da situação contrária, onde “*a mulher agride o marido dentro de casa, vai pra delegacia, culpam logo o marido, não perguntam nem porque!*” .

Na fala das jovens, a violência está próxima e é praticada por pessoas conhecidas, até mesmo vizinhos, como mencionou uma moça: “*Tem gente que nasceu, brincou com a gente, e tá aí pra roubar.*” Outros depoimentos também mencionam a proximidade do perigo, como há um ladrão que mora “*a duas casas,*” e “*na vila, os viciados ficam numa esquina e os policiais na outra, e não fazem nada.*” Entretanto, as jovens não se percebem pessoalmente envolvidas e não se colocam dentro deste mundo, pois, como uma afirma, “*no bairro não conhece nenhuma menina que usa maconha, só os rapazes.*” Outra reforça: se “*ver mulher morta, é mulher de malandro ou maconheira.*” O mundo próximo da violência é um mundo onde convém a mulher não insistir em circular. O receio de tornar-se vítima de agressão sexual é muito real, e, mesmo diante da insistência de muitos de

¹ Esta diferença já foi constatada em trabalhos anteriores (Scott 1990). As mulheres de um bairro popular do Recife se apresentavam como “ativamente controlando” a articulação dos elementos constituintes da casa, demonstrando a sua capacidade de lidar com estas relações na formação de um discurso que valorizava a sua própria ação, enquanto os homens apresentavam o domínio doméstico como “sob controle” porque para eles a discussão aberta sobre a participação no domínio doméstico representava uma ameaça à sua identidade masculina. Isto também se evidencia nas pesquisas sociolinguísticas de Deborah Tannen (1990), que mostra, inclusive experimentalmente nas conversas sobre problemas com namorados, como as meninas procuram uma conversa de “solidariedade” com as suas amigas relatando ocorrências semelhantes, e como os meninos procuram uma conversa de “resoluções”, aventurando sugestões sobre a melhor coisa para fazer diante da situação, atribuindo isto à pouca intercomunicabilidade entre as conversas masculinas e femininas. Não é por acaso que o livro dela sobre fala e gênero tem o título “Você nem entende” (*You Just Don't Understand*).

que a mulher deve ter cuidado em não “procurar” o estupro, outros insistem que não há como prevenir, o perigo mora na presença de estupradores, sejam eles desconhecidos, sejam eles ex ou atuais namorados, revoltados com a “liberdade” que ela deu aos outros ou que ela não deu a eles.

Há um reconhecimento de que violência doméstica é um problema sério vivido por todos/as os/as jovens, no qual os atores são os mais próximos possíveis: primeiro o pai, mas depois, também, mãe, irmãos e irmãs. Os jovens relatam as suas experiências vividas ressaltando os seus esforços em redefinir os padrões de vivência na sua família de origem para não ter que enfrentar mais isto nas suas próprias casas. As jovens percebem a si mesmas e às suas mães como potenciais e atuais vítimas da violência, fornecendo detalhes muito maiores sobre quem faz o que. Alguns depoimentos relatam o que elas mesmas fazem: *“desafiei meu irmão... telefonei para a polícia... puxei uma peixeira... ameacei tocar fogo no quarto dele... não deixei o companheiro da mãe entrar em casa... desliguei o som e mandei todo mundo pra casa... bato a porta e fico olhando para a cara dele ... disse que queria que ela e os outros tomassem primeiro o veneno que ela disse que botaria na minha comida.”* São incidentes contados com autores nomeados, mas que descrevem ações concretas muito mais que normatizam ou oferecem resoluções para a formação de futuras famílias. A busca delas é de se resguardarem e, vendo o comportamento, reconhecerem os autores, prevenindo-se com informações contra a possibilidade de, posteriormente, se inserir numa relação doméstica de características semelhantes.

Este mundo, povoado de parentes, vizinhos e conhecidos que se solidarizam com as pessoas, bem como de outros parentes, vizinhos e conhecidos que se envolvem na violência cotidiana, é o bairro de moradia destes jovens. Tanto os jovens quanto as jovens são claros no seu sentimento de constrangimento por ter que conviver com tanta violência, num bairro que não inspira uma imagem de tranquilidade, mas também estão convencidos de

que não seria diferente em qualquer outro bairro popular da cidade. Então, é melhor viver no pedaço conhecido, onde se podem ler as relações sociais informadas por um profundo conhecimento dos seus participantes. Isto, mais que nada, fornece uma imagem de um bairro “personalizado”, “calmo” e “bom para morar”, construída no contraste com outros “impessoais” e “desconhecidos”.

Capacitação, trabalho e gênero na formação de uma família

Quando o tema é vida produtiva, encontramos elementos já bastante explorados por outros trabalhos que enfocam modos de vida nas camadas de baixa renda (Scott 1990; Longhi 2001; Nascimento 1999; Woortmann 1987; Neves 1985). O mais relevante neste momento é ressaltarmos como, em alguns momentos, estes elementos ganham significação diferenciada quando enfocamos o discurso dos jovens ou das jovens.

A lógica de gênero se reproduz apesar de os discursos serem muito semelhantes quanto às preocupações. A manutenção do trabalho ou a falta dele é a grande preocupação dos jovens. Reforçando dados encontrados em outros estudos sobre grupos populares do Recife (Longhi 2001; Nascimento 1999; Scott 1990, 1996), um número pouco expressivo de pessoas tem um trabalho fixo. Isto é particularmente acirrado pela situação geracional e pouca experiência relativa dos jovens. Como um deles afirma, *“nunca trabalhei fichado”*. Existe o sonho, que às vezes parece muito distante, de trabalhar com carteira assinada. A maioria vive de bicos, que muitas vezes têm uma lógica sazonal, como casas para pintar nos fins do ano, ou são influenciados pelas transformações da sociedade, quando o aumento da violência acaba sendo responsável por novas frentes de trabalho, como, por exemplo, tornar-se segurança de alguma empresa. Há o consenso de que não podem ficar escolhendo; fazem o que aparece.

Todos os grupos são unânimes em afirmar que, para os/as jovens, as principais

causas na dificuldade em encontrar trabalho são a baixa escolaridade e a falta de experiência. Os poucos cursos que a comunidade oferece não profissionalizam ou não atendem a demanda do mercado. Além disso, muitos cursos são pagos ou ficam distantes do seu local de moradia, exigindo um investimento inicial de que, muitas vezes, eles não dispõem. O discurso comunica impotência e frustração diante de uma realidade totalmente adversa. Quando falam de oportunidades de trabalho, reivindicam um tratamento diferenciado. Achem que os jovens deveriam ter alguns benefícios já que estão começando a vida profissional e possuem a desvantagem de não ter experiência. Há, entretanto, aqueles que discordam, pois os homens que são pais de família deveriam ser a prioridade, já que têm uma família sob sua responsabilidade.

Diante da pouca capacitação e de um mercado de trabalho adverso, o jovem não vislumbra um futuro muito diferente do de seus pais. Os rapazes identificam as suas oportunidades de trabalho mais com o exercício de habilidades manuais e de força física, enquanto para as moças, a idéia de ainda apostar no sonho de completar o ensino médio ou chegar até o superior, para ter melhor oportunidade de trabalho, é mais presente.

Os rapazes revelam orgulho por terem começado a trabalhar cedo, pois a sua condição no mercado de trabalho como “inexperientes” e “sem capacitação” não rima com “desocupados”. Na mesma linha de outros estudos sobre masculinidade (Arihna 1999 e 2000; Nascimento 1999; Longhi 2001; Vigoya 1999; Olavarria 1999), o trabalho se revela como um dos elementos constituintes do *ethos* masculino, e o pai como um dos canais para a construção desta identidade. Alguns narram que aprenderam o que sabem com o pai e que começaram a trabalhar muito cedo.

Quando são perguntados sobre a diferença entre homens e mulheres na hora de arrumar trabalho, os discursos revelam uma discordância. Para as jovens, os rapazes têm mais facilidades, pois há maior oferta de trabalhos que exigem força física, próprios para homens e não para elas!

De fato, ao relatar as suas experiências, os próprios rapazes falaram da dureza dos trabalhos oferecidos por empresas locais, como a de carregador de uma fábrica de refrigerantes, que cansam e danificam a saúde dos trabalhadores. Apesar disso, os rapazes também se sentem em desvantagem em relação às mulheres, dizendo que a mulher leva vantagem pela sua aparência, pela sua maneira de ser, pelo seu poder de sedução. Entre os jovens, um chega a afirmar que “*é por isso que tem tanto homossexual, porque fica mais fácil de arrumar trabalho!*”.

Duas observações são importantes aqui. A primeira é que, em ambas as falas, percebemos que são reproduzidos estereótipos masculinos e femininos: o homem dispõe da força bruta e a mulher da estética para atingir seus objetivos, cuja aplicação geral está sublinhada pela citação de trabalhos que exigem qualidades costumeiramente inesperadas de homens e mulheres. A segunda é que, diante da extraordinária dificuldade de encontrar trabalhos adequados, os moradores de bairros populares cogitam relaxar as barreiras tradicionais da divisão sexual de trabalho e “*trabalhar em qualquer coisa*”, mulheres com força e homens com estética.

Por outro lado, o discurso feminino indica que, de fato, já vêm ocorrendo algumas transformações nas relações de gênero com relação à divisão sexual do trabalho no contexto familiar. Para estas jovens, a idéia de que as mulheres devem trabalhar é bem aceita. Elas chamam atenção para a importância do trabalho para a sua própria independência, falam de casais desfeitos nos quais as mulheres tiveram mais facilidade para reconstruir sua vida quando detinham alguma renda provindo do seu próprio trabalho e mencionam, ainda, casais que vivem relações mais igualitárias, compartilhando lazer e trabalho. Mesmo que elas reconheçam que alguns rapazes têm medo da “*ascensão*” da mulher, o mais recorrente é ouvir os jovens que aceitam e até ficam contentes com o trabalho feminino, narrando histórias de casais que dividem tudo, inclusive as despesas.

O reduzido controle sobre os recursos escassos de capacitação e de renda colocam em desvantagem os/as jovens do lbura e fazem com que haja uma abertura maior para participação em trabalho de homens e de mulheres, em qualquer coisa que apareça. Trabalho esporádico é melhor que nenhum trabalho, mas é uma base precária para construir uma nova família. Por outro lado, a formação da família de procriação não está baseada unicamente na disponibilidade de recursos. A estruturação de uma moral familiar que mistura os elementos das tradições das famílias de origem com a esperança das famílias de procriação desempenha um papel muito importante nesta construção.

Os pais e a família de origem: formando a moral familiar

A família estava sempre presente nos discursos e era trazida de duas formas: por um lado, de uma maneira idealizada, como uma das possibilidades de salvação dos jovens, juntamente com o trabalho.² Em um mundo tão rico em “tentações destruidoras” como drogas, prostituição e marginalidade, a família é a instituição que se apresenta como a grande esperança, pois é onde os jovens recebem os primeiros códigos de conduta e onde é feita sua socialização primária. Em outros momentos, falam da família de uma maneira mais realista, com todas as fragilidades e méritos que lhe são próprias. Nesta hora, fica claro que atribuem aos pais, tanto ao pai quanto à mãe, grande parte da responsabilidade pelos descaminhos dos filhos. Em oposição às dificuldades concretas das relações familiares, revelam seus desejos de construir um novo modelo de família, mais próximo de seus ideais.

Este antagonismo esteve mais presente na fala dos rapazes. Uma delas se mostrou bastante ilustrativa para demonstrar como a “responsabilidade” do homem

com relação a sua família pode ser determinante no caminho que resolve seguir:

“Eu, solteiro, não tinha nada, não tinha pareia de roupa para vestir; não tinha uma bicicleta, não tinha nada porque não ligava para nada, solteiro não ligava para nada, não tava nem aí: hoje em dia, eu casado já possui carro, já possui casa, aquilo outro, meus bens; agora eu solteiro não tinha objetivo de nada, só por mim mesmo. Por ele, meu irmão e eu se casava porque ele falou se a gente casar a gente tem uma obrigação, uma responsabilidade de casado, se a gente tá casado a gente vai ter que manter a casa, os filhos e a gente solteiro não vai ter essa obrigação; a gente, eu mesmo solteiro, não tenho; chego em casa, recebo dinheiro do mês, pô, oxê vou fazer o quê? vou para o barzinho beber, não tenho nada, não tenho nem um passarinho para dar comida, vou me embora curtir; no outro dia eu vou pensar: ‘pô, peguei meu dinheiro todinho e o que eu fiz?’”

Não foi possível notar, entre as jovens, um discurso tão nitidamente diferenciador das responsabilidades da solteira para a casada. Para elas, a responsabilidade do controle já vem encarnada no controle da sua própria sexualidade que se estabelece quando solteira, emblemática da moral familiar e alvo do controle de todos.

A vivência com a família de origem como um contra-exemplo estava muito presente no discurso dos jovens. Mais de que uma condenação dos pais, isto representa uma procura desses rapazes por construir um modelo para a sua família de procriação. Mantém-se a noção de que podem aprender com os erros dos pais. Nas palavras dos jovens, os pais deveriam orientar mais os filhos, conversar mais com os filhos, observar mais os filhos. Os rapazes expressam claramente sua frustração por seus pais não corresponderem às suas expectativas:

“Não é que meu pai seja ruim não, tá entendendo? Meu pai é bom, agora tá difícil por causa do álcool, meu camarada! ele bebe muito; quando começa, meu amigo, ele bebe, não quer trabalhar, sabe? Ele se acorda de cinco horas da manhã, cara, para

² Segundo as palavras de Alda Brito da Motta “Famílias são, no âmbito da análise, a articulação de relações de gênero e de gerações que se tecem e se realizam em um tempo social e histórico, para uma vida em comum e um fim, ou um esperado acontecer, da reprodução – biológica e social” (Motta, 1987: 13).

beber, cara; eu fico – ele tá se acabando no álcool e eu, é bronca. Eu não sei conversar com meu pai; sabe quando eu converso com meu pai? quando tem um jogo de futebol, vê, para eu conversar com meu pai tem que tá vendo jogo de futebol, a gente comentando sobre jogo; eu queria abraçar meu pai, beijar meu pai mas eu não consigo não, cara! ele tá tão próximo e tão distante.”

A bebida, como a literatura tem mostrado (Almeida 1995 e 1996; Nascimento 1999), é a grande vilã, responsável pelos problemas de falta de diálogo entre pais e filhos. Outros fatores que dificultam esse diálogo foram mencionados, dentre eles o fato de a mãe assistir a novela, o que é referido como um vício, tal qual a bebida do pai. Este diálogo limitado também se manifesta quando se trata da indecisão dos filhos que circunda a separação dos pais, pois o filho não sabe com quem escolherá ficar, se com o pai ou com a mãe. Na fala deles, o pai deveria orientar o filho e a mãe a filha, uma noção idealizada da transmissão de identidade.

A idéia que possuem sobre transmissão de identidade está presente no tratamento diferenciado dado a filhos e filhas. Os pais estimulam os filhos a “*ganharem*” todas as mulheres possíveis. Quando o assunto é sexualidade, o controle dos pais sobre os filhos se baseia justamente em ensinar-lhes que eles podem (e devem) abarcar o mundo, demonstrando sua virilidade. Como um dos jovens narra, para os pais “*melhor ter um filho ladrão do que travesti*”.

Mais sujeitas ao autocontrole, as mulheres ressaltam que têm que se resguardar o máximo possível. Os próprios jovens, cúmplices do controle sobre as jovens, afirmam que as meninas são criadas muito presas e talvez, por isto mesmo, são tão danadas. Quem é danada, precisa ser controlada! A preocupação dos pais com o namoro das filhas revela o quanto elas representam um capital simbólico da moral familiar em que todos devem investir. Por um lado, ela é a provocadora, por outro, ela deve ser protegida tanto para poder arrumar um bom namorado como para manter a imagem positiva da família. O controle das mulheres é a preocupação de pais, mães, irmãos etc. A forma que o rapaz chega até a moça, por exemplo, tem a ver com sua

reputação, pessoal e familiar, como percebemos na fala de uma das jovens:

“Uma coisa que me chama atenção é você se mobilizar, porque o que leva um rapaz a pedir você em namoro é a reputação que você têm, ele sabe qual moça que pode chegar e chamar para sair, e sabe qual moça que pode falar com os pais, então tem a ver com a sua formação moral e familiar, como se comporta”.

Existe moça para namorar, existe moça para ficar, e o conjunto de elementos responsáveis por esta diferenciação extrapola o indivíduo. A família, o local de moradia e o comportamento da jovem são fatores que informam o “tipo” de jovem e o tipo de relacionamento que os rapazes terão com ela. Na prática, a separação não é tão estanque, e nada impede que os jovens comecem *ficando* e terminem *namorando*, como discutiremos mais adiante. Mas, tanto as jovens quanto os jovens falam destas diferenças.

Engravidar aparece como delimitador e determina uma mudança de status que, mais uma vez, ressalta o pouco diálogo entre mães e filhas. Segundo as jovens, as mães não conversam com elas sobre sexo, não as orientam e nem podem saber que elas já têm relações sexuais. Falaram que muitas vezes não usam pílula porque têm medo que a mãe a encontre em suas coisas. O importante é manter o segredo. Como disse uma das jovens “*se quer ser mulher, tem que saber ser*”, querendo dizer que a jovem tem que saber ser discreta. Quando a jovem engravida, a dinâmica é outra. A família em geral ajuda, apesar do desconforto e das acusações que naturalmente acontecem. Conforme narraram, tanto a família do rapaz como a família da moça participam. Um filho, uma nova geração, desencadeia rearranjos domiciliares que trazem à tona os elementos mais marcantes da vivência das hierarquias de geração e gênero que caracterizam a juventude. Quando o casal não fica junto, tanto a jovem como o rapaz buscam, e geralmente encontram, apoio em suas famílias de origem, mas as circunstâncias são bastante diferenciadas. Enquanto a jovem precisa buscar e negociar apoio para criar o filho, o rapaz muito mais facilmente retoma seu estilo de vida de solteiro.

No discurso das/dos jovens percebemos que estabelecem diferenças entre o “antigamente” e a vida de agora, indicando o quanto os pais influenciam a sua percepção. Isto fica mais evidente quando estão falando da relação entre a família e os namorados. Antigamente o namoro era diferente, e o rapaz tinha que pedir consentimento para a família. No discurso tanto dos jovens como das jovens, os relatos de que “*hoje não é mais assim*” são seguidos por histórias que mostram que o controle familiar permanece forte, ao menos numa parcela da população. Uma das jovens namora em casa e conta que existem normas bem rigorosas para seu namoro. Outra, já casada, revela que o marido também pediu sua mão para seu pai, e uma terceira queixa-se que a mãe sempre implica com seus namorados, primeiro quer que namorem no quintal, depois que namorem em casa e depois faz pressão para que o namoro termine. Podemos perceber que, paralelamente a novos comportamentos, coexistem posturas tradicionais que nos levam a pensar que a pureza da jovem é ainda considerada capital simbólico, símbolo da honra familiar. Assumir uma vida sexualmente ativa é um elemento demarcador que traz consequências para a vida da jovem. Mesmo quando tem um filho, a jovem, quando reside com os pais, nem sempre assume ter uma vida sexualmente ativa.

Os pais, a tradição, o controle da sexualidade da jovem e o reforço da liberdade do jovem desenham uma complexa teia de inter-relações hierárquicas e solidárias que precisam ser consideradas e dissecadas quando buscamos entender as decisões acerca da saúde sexual e reprodutiva. Não são simplesmente indivíduos olhando para a sua saúde, são pessoas jovens com convivências que informam e delimitam os comportamentos individuais dentro de um campo de possibilidades demarcado pela família e pela comunidade.

Voltando às regras e intersecções: ficar, namorar, casar

As formas de relacionamento e as diferenças entre ficar, namorar e casar também

revelam traços da moralidade juvenil e condutas diferenciadas de homens e mulheres jovens. Os discursos dos/das jovens se assemelham por colocar o comportamento das jovens, quase sempre, como pivô da discussão e se diferenciam na maneira de falar sobre o comportamento masculino e feminino. Como já mencionamos para outros campos, os jovens falam mais acerca do comportamento das mulheres jovens e procuram associar os problemas e impasses vividos nesse campo a questões educacionais e à falta de apoio/diálogo com a família. A mulher jovem faz mais um discurso sobre si própria, enfatizando muito mais a experiência cotidiana pessoal e de pessoas conhecidas. A falta de diálogo/apoio da família também aparece como um ponto importante para as mulheres.

Ficar está associado a curtir a vida, a não ter compromisso e tem pelo menos dois significados: (1) conhecer uma pessoa, haver uma simpatia mútua e troca de carícias, nas quais o elemento mais importante é o beijo ou (2) aquele que *vai levando prá relação*, ou seja, o casal acabou de se conhecer ou já se conhece, está ficando pela primeira vez ou já ficou uma/algumas vezes e mantém uma relação sexual. Os jovens e as jovens dizem que as pessoas no lburá querem mais ficar. Os jovens dizem que quando vão pedir uma menina em namoro, conversar com a menina, eles levam o nome de *tabacudos*, rapazes que são antiquados ou estão vivendo fora dos padrões estabelecidos para o grupo. As jovens se queixam que os rapazes não têm mais coragem de pedir em namoro ou só pensam em ficar.

Quando a conversa vai se alongando, aparecem os depoimentos que relativizam essa tendência; há também as pessoas que querem namorar. O namorar não parece ser menos procurado que o ficar, parece apenas um passo mais difícil a ser tomado. Especialmente quando falam sobre si próprios/as, eles/elas se enquadram, em maioria, nas pessoas que querem namorar e falam das dificuldades do caminho que vai do ficar ao namorar.

Várias prescrições morais entram em cena quando ficar e namorar são comparados. Ficar e namorar podem ser duas

fases de um relacionamento ou podem ser excludentes. Os rapazes costumam apontar que o ficar para a jovem é *uma faca de dois gumes*, pode levar ao namoro ou pode levar a uma vulnerabilidade da jovem perante a comunidade, pois se ela *fica com um e com outro, ela vai ficar falada ou visada* e nenhum rapaz vai querer mais namorá-la. As jovens compactuam dessa visão, mas não numa posição de quem escolhe se quer ou não namorar, elas se preocupam em falar sobre o grau de dificuldade ou facilidade com que se deixam acessíveis aos jovens. Uma delas explicitou claramente esse pensamento, ela disse que as moças *cedem demais, é fácil demais, por isso nunca chega ao ponto do cara dizer – vou namorar com essa menina!*

O namoro é um compromisso que pode levar ao casamento, uma escolha ainda mais difícil de ser realizada, mas muito valorizada pelos integrantes do grupo de discussão. Por isso, o namoro deve estar baseado em uma série de requisitos, dentre os quais os mais importantes são o respeito e a confiança. Todos dizem ser muito difícil encontrar a pessoa certa, os jovens acrescentam que a namorada ou esposa é uma pessoa amiga, uma companheira com quem se converse, se dialogue, por quem se sintam amor. O passo inicial, entretanto, é saber sobre a reputação da jovem. Uma jovem que fica com muitos rapazes não tem boa reputação, não é merecedora de confiança. As jovens confirmam essa divisão feita entre a moça boa para namorar e a moça boa para ficar, essa última é encarada como *“safada”, “vadia” ou “puta”* por todos eles, principalmente se ela fica com vários rapazes e o ficar significa ter relação sexual.

Os mecanismos de controle dos jovens passam pela masculinidade. Os jovens enfatizaram que o homem, devido à educação que recebe, está mais inclinado ao sexo, enquanto a mulher está mais inclinada ao amor. A virilidade é uma qualidade muito valorizada pelos jovens, é uma preocupação constante que está associada, entre outras coisas, a contar aos amigos as moças com as quais transou, ou como eles dizem, o *‘homem... acha bonito ficar contando vantagens’*. Esse recurso serve

como forma de controle da sexualidade feminina, é por meio dessas conversas masculinas na comunidade que os rapazes tomam conhecimento das moças que não têm reputação.

Os jovens enfatizam sempre que ficar é pior para as jovens, pois além de correrem o risco de macular a sua reputação, elas correm o risco de engravidar. Mesmo que algum rapaz goste dela, não vai ter confiança em assumir um relacionamento, um casamento ou um filho, se ela *“ficou falada, ficou visada na comunidade”*. A primeira coisa que ele vai alegar é que o filho não é dele. As moças alegam que os rapazes não têm responsabilidade, pois têm relação sexual com jovens mulheres, de 13 a 15 anos, que perdem a virgindade, então eles *“se amigam”* e se separam logo em seguida, manchando a reputação dessas jovens. As moças também mencionam que há rapazes que usam drogas, fumam e ficam com as meninas *“do jeito que querem”*, mantendo uma relação na qual o desejo masculino prevalece sobre a vontade feminina. Nesse tipo de situação, a prevenção da gravidez não acontece.

Assim, a reputação e o risco que as jovens correm estão diretamente associados à conduta masculina de assumir o relacionamento/ o filho e à conduta feminina em torno dos temas da virgindade, do número de jovens com os quais ficou ou namorou, das relações sexuais que manteve. O discurso das jovens exprime uma postura de decidir a hora de perder a virgindade ou de *“se perder”*, mas de esperar por decisões e posturas masculinas quanto ao tipo de relacionamento que vai se desenvolver entre o casal.

Os discursos das jovens e dos jovens estão permeados por controles familiares e comunitários ou mesmo pelo grupo de pares. Este controle é exercido de maneira diferenciada de acordo com o comportamento que é esperado por gênero e geração. A margem de escolha individual está limitada pelas prescrições sociais. Controle social e liberdade individual não são necessariamente excludentes na vivência cotidiana. Por exemplo, o incentivo dos pais dos rapazes a que eles mantenham relação

sexual com todas as mulheres possíveis está sendo enfatizado para os jovens como liberdade, mas pode ser encarado também como controle uma vez que está diretamente associado ao estabelecimento dos constrangimentos inerentes à aplicação de modelos hegemônicos que incluem diversos elementos, dentre os quais se resalta o medo da homossexualidade.

Retomando o discurso sobre formas de relacionamento, alguns depoimentos afirmam a existência de um ficar que leva ao namoro e ao casamento sem haver uma formalização das etapas, o casal “*vai ficando*” e gosta de estar junto, com o passar do tempo a mulher engravida e os dois vão morar juntos. Uma jovem expressa essa informalidade nas fronteiras entre ficar, namorar e casar, dizendo que “*os três são muito confusos, hoje em dia*”. Isso não quer dizer que os mecanismos de controle sobre a sexualidade feminina sejam mais suaves, apenas indica que as fronteiras entre o ficar, o namorar e o casar estão influenciadas por vários critérios de convivência.

O casamento, como já mencionamos, é uma decisão ainda mais difícil para ser tomada. Há o casamento que vem como resultado de uma gravidez não planejada, há o casamento que é uma evolução do ficar, muito chamado de “*se amigar*” ou “*morar junto*”, e há o casamento resultante de um namoro prolongado com noivado. Nesse caso, o relacionamento é qualificado pela comunidade como tradicional ou à moda antiga ou, como disse uma das participantes do grupo de discussão, “*muitos lá na comunidade falam que o nosso relacionamento é do tempo dos avós*”. Em todos os casos, a distinção entre casar e se amigar ou morar junto não parece muito clara, mesmos nos casos em que o casamento é uma evolução do ficar, não houve ênfase em distinguir casamento civil ou religioso de morar junto ou se amigar³. O mais importante é saber conviver e encontrar a pessoa certa, requisitos considerados difíceis de atingir, por todos/as os/as jovens.

As jovens também enfatizam o respeito e a confiança como elementos indispensáveis para um bom casamento. Deve haver, também, diálogo, compatibilidades, mesmos objetivos, reconhecimento dos próprios defeitos e tentativa de superá-los, capacidade mútua de ceder em algumas situações.

Os requisitos dos jovens, já mencionados, indicam que o respeito, a confiança, o diálogo e a amizade são requisitos que todos (os e as jovens) consideram básicos para o bom casamento. O objetivo/expectativa de casar foi mais manifestado pelos jovens. Esse objetivo/expectativa foi localizado por eles, nas trajetórias de vida masculinas e femininas, de maneira diferenciada. Segundo eles, a mulher procura o casamento como forma de adquirir estabilidade na vida, ter filhos e cuidar da casa. O homem não pensa em ter esse tipo de compromisso cedo, como foi evidenciado na fala do rapaz citado acima, no item sobre os pais e a família de origem. O casamento é um objetivo que deve ser atingido quando ele estiver estabilizado em uma profissão/emprego que lhe dê condição de assumir responsabilidades com a casa e o(s) filho(s), além de ter encontrado a pessoa certa.

As prescrições morais quanto ao que a mulher deve ou não fazer na sua vida sexual e reprodutiva continuam fortes após o casamento, sua base é a divisão sexual do trabalho, na qual o homem é o provedor, e a mulher, a mãe e dona de casa. Quando o comportamento da mulher casada não corresponde ao esperado, ela é taxada de irresponsável. As jovens mencionam os casos em que a mulher está casada, mas não cuida direito da casa, dos filhos nem do marido. Arrumar a casa, lavar a roupa e fazer a comida para o marido são as atividades citadas como sinônimos de cuidar. Se ocorrer a separação, as jovens afirmam que há maior apoio familiar para o homem que volta para casa e é aceito, como já foi mencionado anteriormente. Assim, ele sai de um ambiente doméstico onde a mulher está fora do seu controle e volta a

³ Isto ratifica uma observação feita há meio século por René Ribeiro (1982) sobre uniões consensuais, estudando a relação do “*amasiado*”, onde ele resalta que depende mais da avaliação das qualidades das pessoas de que da formalização legal do evento.

um ambiente onde está sob o domínio dos pais, mas que, pelo menos supostamente, é mais “organizado” porque a mãe cuida dele.

Engravidar “querendo” ocorre quando as relações são melhor estabelecidas entre o casal e há vontade de construir uma família. Nos outros casos em que o namorar ou ficar resultam numa gravidez, as jovens mencionam que “*são poucos rapazes que levam a menina prá morar com ele*”, pois querem preservar sua liberdade e não se acham tão responsáveis pela gravidez quanto a mulher. O medo de a jovem engravidar é constante como pano de fundo nas conversas sobre os tipos de relacionamento existentes. Nos grupos de discussão todos os/as jovens voltavam sempre a esse assunto, enfatizando que em suas comunidades há muitos casos de gravidez na adolescência que começam a ser mencionados a partir dos 13 anos de idade.

Engravidar como decorrência de ficar ou namorar aparece como uma falta de cuidado feminino. Os jovens não engravidam e, por isso, não se consideram tão responsáveis pela gravidez quanto as jovens. Eles irão decidir se assumem ou não o/a filho/a, se a gravidez for adiante, mas boa parte da sua decisão terá como base a reputação que a própria jovem construiu ao longo da relação⁴. Alguns depoimentos das jovens evidenciam que essa visão é compartilhada pelos seus pais.

Para as jovens, engravidar pode acontecer sem que elas queiram por duas razões principais: (1) a relação sexual acontece sem que haja nenhuma preocupação com a contracepção por parte dos dois envolvidos, ou (2) por dificuldade de estar com um tipo qualquer de contraceptivo à disposição. No último caso, as jovens citam dificuldade de ter um comprimido ou uma camisinha guardada para o momento por receio que a família, principalmente a mãe, descubra que ela já não é mais virgem. Em alguns casos, as jovens decidem engravidar “*para prender o homem*”, uma vez que

a gravidez resultante do namoro pode desencadear em casamento, no qual os futuros pais vão morar juntos na casa dos pais dele ou dela, e os filhos vão ser criados pelos avós, como já evidenciamos anteriormente. Em outros casos, as jovens decidem engravidar porque querem ter um filho, independentemente do que aconteça com a relação que mantêm com o pai da criança.

Quando a relação sexual “acontece”, e as adolescentes engravidam sem querer, um recurso muito utilizado é o aborto. As jovens mencionam que na comunidade “é fácil tirar”. O caminho é, geralmente, uma amiga que já passou pela experiência e informa os procedimentos que devem ser realizados às interessadas que os seguem. Os jovens mencionaram que o aborto é feito às escondidas, que pode ser realizado com a ingestão de chás, comprimidos ou com a introdução de coisas dentro da vagina. Outras vezes, mais raramente, o aborto é realizado em clínicas.

As jovens dizem que a decisão de abortar parte das moças que têm como motivo a falta de aceitação da família ou o medo de comunicá-la. Outras vezes, “*o pai (do bebê que iria nascer) diz que não vai dá certo e é melhor tirar*”, sua atitude é a de dar o dinheiro para que a moça vá comprar o remédio na farmácia. Há, também, os casos em que a decisão é dos dois. Os jovens acham que a decisão de abortar é mais das mulheres que dos homens, e a maioria delas aborta porque “*vê que o parceiro que engravidou não serve*”. O aborto se torna um recurso de controle das relações sociais que evita que ela estabeleça uma relação mais duradoura com um homem que pode tornar-se prejudicial à sua reputação e ao seu futuro.

Assim, existem decisões que são mais masculinas, e outras mais femininas. Perder a virgindade e abortar são campos de atuação das jovens. Assumir um namoro/casamento/filho são campos de atuação dos jovens nas relações que se estabelecem entre os/as jovens, a família de

⁴ Em outro trabalho (Quadros e Scott 1999) sobre os jovens de 4 grupos sociais distintos de Pernambuco, dois situados na periferia urbana de Recife (Ibura e Várzea), um situado num distrito de Brejo da Madre de Deus-PE, produtor de ‘sulanca’, e outro formado pelos índios Pankararu, já tivemos oportunidade de chamar a atenção sobre essas facetas do comportamento de controle masculino sobre a sexualidade feminina, presentes em todos os grupos pesquisados.

origem, o acesso a recursos e a vida na comunidade, para a formação de uma nova família de procriação (Brandão *et al.* 2001; e Scott 2001).

Prevenção: indo além do meramente técnico

A maior preocupação em torno da prevenção é a contraceção. Os discursos em torno da gravidez focalizam mais a mulher que não soube se cuidar para não engravidar. Nas histórias das jovens que participaram do grupo de discussão, apenas uma delas, grávida, disse que o casamento e a gravidez foram programados, e que o filho que estava sendo esperado era muito desejado.

As jovens alertaram que a mulher “cede mais”, ela “vai ficando”, não toma remédio nem usa camisinha todas as vezes que mantém relação sexual. Algumas afirmam que a falta de prevenção é consequência da falta de informação e de conversa, principalmente com a mãe. Outra dificuldade mencionada pelas jovens, estreitamente relacionada à anterior, é o cuidado que têm que ter com o método utilizado para que a mãe não descubra que ela já é mulher, pois sair do domínio e da vigilância materna não é fácil para a jovem. Uma delas, que já tem um filho, enfatiza o estranhamento e a reprovação da mãe ao ver uma camisinha em sua bolsa. Para lidar com esta situação ambígua de a sua sexualidade ser o alvo do controle na casa dos pais e de ela querer ter a liberdade de escolha sobre a sua própria sexualidade, a jovem encontra algumas saídas, como tomar injeção, manter as camisinhas escondidas, ou, com maior perigo, se relacionar sexualmente sem contraceptivo.

A preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e o HIV também são enfatizadas pelas jovens. Elas mencionam a camisinha como um método que pode evitar tanto a gravidez quanto as DST's, embora algumas ressaltem que o seu uso incomoda a elas próprias ou aos companheiros. As jovens casadas reportam alternar comprimidos e preservativos o que, certamente, é menos eficiente quanto à

prevenção das DST's. Em todos os casos, o fator confiança entre o casal é citado como fundamental para a prevenção, principalmente pelas mulheres casadas, justamente as que são alvos de campanhas comandadas por profissionais de saúde que já ocorreram no bairro, enfatizando o uso do preservativo.

Uma outra forma de prevenção é não manter relação sexual com muitos homens ou ainda a abstinência sexual completa, ou seja, como uma delas mencionou, “evitar homem”. Chamam a atenção para a existência de outras formas de estar com um homem nas quais amor, carinho, compreensão e respeito compõem o cenário. Uma delas mencionou que o ex-noivo ainda gosta dela porque ela nunca transou com ele — “ele não conseguiu”. Esse tipo de postura parece ser o mais idealizado por todos como a maneira mais correta de uma jovem se prevenir.

Ir ao médico e ao ginecologista são atitudes mencionadas como corriqueiras pelas mulheres, basta sentir um sintoma ou um mal-estar, especialmente quando relacionado a corrimento vaginal e medo de inflamação ou infecção no útero, AIDS, HPV e outras DST's. Além de informar sobre orientações recebidas quanto ao uso de preservativos, falam da importância da higiene e do uso de saias ao invés de calças compridas, como outras formas de cuidar da saúde.

Os rapazes concordam que a prevenção fica, na prática, mais a cargo das jovens, quando os assuntos debatidos são o tipo de relação e as diferenças entre ficar, namorar e casar. Um deles chegou a declarar que “depois de estar no mundo, a maioria das vezes transou sem caminha” e que foi a conversão religiosa que o fez parar de manter relação sexual antes do casamento. Aliás, a abstinência sexual foi a solução preventiva defendida pelos dois rapazes evangélicos do grupo.

Quando o assunto era a responsabilidade da prevenção, a direção da conversa dos rapazes mudava. A maioria diz que a responsabilidade é do homem ou do casal. Entretanto, admitem que a mulher é mais “cuidadosa” e o homem é mais

“relaxado” para cuidar da saúde e procurar o médico. Alguns enfatizaram que não gostam de ir ao médico para fazer o exame de próstata, pois este exame já está incorporado no repertório jocoso comunitário, sugerindo que a sua realização pode abalar a masculinidade.

Os jovens, assim como as jovens, têm que lidar com a vigilância dos pais (ou pelo menos, das mães). Falaram de suas dificuldades em guardar a camisinha no quarto com medo ou vergonha de que a mãe veja. A ênfase no uso da camisinha, entretanto, não foi tão forte quanto no grupo das jovens. Há uma espécie de desconhecimento e admiração mútuos entre os jovens no grupo, revelado enquanto cada um tenta explicar para os outros os diversos métodos contraceptivos e preventivos empregáveis, desde o DIU, a injeção, a pílula até os mais conhecidos e menos eficazes métodos, como a mulher ficar de cócoras após a relação sexual ou praticar o coito interrompido. A atitude preventiva do jovem passa mais pelas conversas com o grupo de colegas/amigos para descobrir se uma jovem é digna de namoro ou para escolher se vai assumir a parceira e/ou o filho que pelo uso de métodos contraceptivos. Prevenção, portanto, mais uma vez, significa controle da sexualidade feminina.

O discurso preventivo dos jovens apresentou outra faceta diferenciada do discurso das jovens: disseram que a educação familiar, escolar e as atividades comunitárias seriam os grandes promotores da educação sexual, desenvolvendo um discurso de cumplicidade com instituições comunitárias, escolas e escolinhas de futebol, judô e capoeira, todos poderiam ser aproveitados para ampliar a discussão sobre prevenção, e, que, sobretudo, o mais importante era dar oportunidades aos jovens e evitar, a todo custo, a sua desocupação, pois rapaz sem nada para fazer, vai pensar em fazer o que?

A prevenção não é apenas um discurso técnico. É um tema que está presente no cotidiano dos jovens e na comunidade de maneira abrangente. Não envolve apenas o momento da relação sexual, mas a história de vida das pessoas envolvidas, os

padrões de masculinidade e feminilidade aprendidos e valorizados na família e no grupo social a que pertence e o acesso a recursos. Os próprios jovens vêem o acesso à informação como uma forma de prevenção. No entanto, a análise dos grupos mostra que a informação é uma condição necessária, mas não suficiente para que a prevenção aconteça. Ela envolve um conjunto de atitudes políticas que devem ser direcionadas a educação, saúde, trabalho, lazer, etc.

Outra conclusão a que podemos chegar através da análise dos dados é que, no discurso comunitário, a prevenção aparece como um sinônimo de cuidado individual e sua falta como uma maneira de culpabilizar individualmente os/as jovens pelos erros cometidos em suas trajetórias. Assim, a prevenção aparece como uma forma de controle familiar, comunitário e médico sobre o indivíduo no discurso daqueles que participaram dos grupos de discussão. Este controle enfatiza o (auto) controle da sexualidade feminina e a liberdade do homem heterossexual, perpetuando relações desiguais entre os gêneros.

Considerações finais: saúde reprodutiva e demandas de jovens populares

Seria, no mínimo, precipitado enumerar demandas específicas de jovens populares urbanos. A finalidade deste trabalho não é de enumerar, e sim de sugerir, de uma perspectiva de gênero, como compreender a contextualização de demandas em geral, com base em poucos grupos de discussão de um bairro periférico recifense. É possível observar alguns temas que permeiam este trabalho, ora de uma forma mais explícita, ora de uma forma mais implícita, e cabe aqui torná-los mais evidentes.

1. Direitos individuais e coletivos: Ao longo do trabalho ficou claro que a família e os grupos sociais locais e comunitários são elementos que ajudam a tecer o tecido que serve de base para a construção identitária do jovem e da jovem de bairros populares. Apesar de terem acesso a informações e estarem inseridos

numa sociedade globalizada pautada na ética dos direitos individuais, tão badalados na literatura sobre saúde reprodutiva, estes direitos muitas vezes se chocam com os valores e normas que pautam as relações sociais dos grupos dos quais fazem parte. O que é ser uma jovem “boa para casar” ou não, vai depender do grupo familiar, do local de moradia e de como o comportamento desta jovem é avaliado socialmente. Uma decisão sobre o exercício de sexualidade, sobre a definição de práticas reprodutivas ou preventivas, ou sobre diversos outros temas aqui abordados vai muito além da disponibilidade de “informações” e “meios” para o exercício da decisão individual. Também se associa à valorização da coletividade enquanto contexto para a elaboração de estratégias de vida produtiva material e simbólica nos locais onde os atores se engajam no cotidiano. A leitura de uma decisão de abortar, de ligar as trompas, de criar o filho sozinha não pode se traduzir num indicador simples do exercício de direitos individuais, e sim precisa ser entendido no contexto dos diversos pertencimentos aos quais os jovens se atrelam, pela sua condição social e pela sua inserção etária nos processos de formação de grupos domésticos. Muitas vezes, prevalece o desejo de pertencer ao grupo. A necessidade de fazer parte e ser aceito pelo seu grupo social norteia posturas masculinas (por exemplo, demonstrar sua virilidade através de inúmeras conquistas amorosas) e femininas (por exemplo, manter sobre controle sua própria sexualidade).

2. Redes sociais divergentes e complementares: Madeira (1997) batizou a sua coletânea com a pergunta instigante e popular: Quem mandou nascer mulher? Mas quando se ouvem os dois lados, pode-se acrescentar a pergunta, quem mandou nascer homem? É fácil perceber

(reforçando relações tradicionais) predominância da referência feminina no espaço doméstico e da masculina no espaço público, mas o que é importante salientar é que esta predominância revela redes sociais diferentes efetivamente vividas por meninos e meninas. Homens e mulheres estão em todos os espaços, mas os jovens destacam seu conhecimento sobre o mundo, ao passo que as mulheres ficam à vontade quando o assunto diz respeito às relações familiares. Assuntos em si mesmos (violência, sexualidade, gravidez, prevenção) não são intrinsecamente femininos ou masculinos, precisando ser enxergados em relação à construção diferenciada de redes sociais. A associação forte da esfera da saúde reprodutiva com as redes sociais de referência feminina faz com que, freqüentemente, não se escute com a devida atenção o lado masculino (como já observou Calazans 2000). Assim, não é de estranhar que somente recentemente a comunidade que estuda a saúde reprodutiva tenha conseguido intensificar a sua, ainda minoritária, atenção ao lado masculino da questão. (Quadros e Scott 1999; Arilha 1999, 2000; Vigoya 2000; Leal 2000; Leal e Boff 1996; Perea 1998; Arilha, Ridenti e Dantas 1998; Giffin e Cavalcanti 1999; Bandiani e Camarano, Lerner, 1998; Villa 1997; Zsasz 2000).

3. Gravidez, conjugalidade e as relações de gênero: Gravidez e relações conjugais não estão necessariamente atreladas, mas exercem papéis similares para os diferentes gêneros. A gravidez representa para as jovens um divisor de águas, um potencial fim da ambigüidade juvenil (Calazans 2000, Butto e Silva 1998, Longhi 2000, Scott 2001). Demarca a passagem para um status de maior responsabilidade, mesmo que sua família de origem a acolha e a ajude

a criar o filho. No caso do jovem, o momento que representa a mudança de status é aquele no qual ele resolve assumir uma vida conjugal, decisão que não está necessariamente associada à gravidez. O jovem assumir ou não a paternidade vai depender do significado afetivo e social da relação estabelecida com a jovem em questão. É uma decisão social na medida em que as representações sociais da comunidade sobre “o que é uma moça para casar ou não casar” vão influir no sentimento de responsabilidade do jovem com relação à criança que está sendo gerada. O casamento implica em assumir o papel de provedor, elemento fundamental para o ethos de homem maduro. Em concordância com a literatura mais recente sobre gravidez na adolescência, a família de origem encara com naturalidade e existe um compartilhamento na tarefa de cuidar e criar este filho (Heilborn 2001).

4. Prevenção, além de informações e acesso: A inferência que os/as jovens não se previnem porque ‘não querem’ ou porque ‘não têm acesso às informações ou aos meios’ tende a subestimar a evidência clara de que decisões não são tomadas respondendo apenas a uma demanda individual! A influência familiar e comunitária nos assuntos relacionados à prevenção tem como eixo importante o controle do exercício da sexualidade das jovens e a liberdade dos jovens por meio de prescrições morais desiguais, relacionadas a questões de gênero. Liberdade e controle adquirem sentido dentro do *script* heterossexual, no qual há uma posição claramente desvantajosa para as jovens que, nessa etapa de vida, têm que lidar com ‘escolhas’ que vão estar medindo sua reputação e a da sua família, sua capacidade de autocontrole sobre a sexualidade e de influenciar positivamente a decisão masculina de assumir responsabilidades inerentes ao

namoro, ao casamento e/ou à paternidade. O ideal da moça virgem não é prescritivo, mas os jovens tentam encontrar moças com pouca experiência sexual, quando querem namorar, casar e ter filhos. A liberdade dos jovens, por outro lado, incentiva e cobra deles o maior número possível de experiências sexuais. Nesse cenário, mensagens de prevenção que enfatizam procedimentos técnicos e tomadas de decisões individuais dos/das jovens esbarram em questões de confiança, vergonha e reputação que estão inseridos em referenciais grupais altamente demarcados pelas desigualdades de gênero.

5. O valor de grupos de discussão: A contextualização social das demandas reprodutivas, quando evidenciada através da técnica de grupos de discussão, ressalta as regras e as normas sociais coletivas (como observam Victora *et al.* 2000 e Hudelson 1996 sobre esta técnica), encobrendo mais os sonhos individuais que são melhor captados através de técnicas de entrevista e observação. Assim, fica o lembrete metodológico de que esta técnica favorece uma leitura mais coletiva de demandas de saúde reprodutiva, adequando-se ao encaminhamento coletivo de demandas.

Não cabe dúvida de que a saúde reprodutiva envolve melhoras de saúde, diminuições de taxas de dependência e índices de mortalidade, mas o que se recomenda dentro desta esfera só terá ressonância, para os moradores jovens de bairros populares, quando as informações estiverem vinculadas a ações capazes de respeitar o complexo jogo de hierarquias e solidariedades, de afastamentos e construções, de respeito a tradições e de inovações que a formação de famílias novas e as ambigüidades juvenis sempre implica nos ambientes sociais populares. Confiabilidade, familiaridade, respeito, reconhecimento de discursos de gêneros diferenciados e fornecimento de oportunidades

que aumentem o controle de recursos sociais e materiais para jovens ansiosos em ter uma vida proveitosa, todos precisam ser con-

templados para que a saúde reprodutiva não seja tratada como um alvo meramente técnico e, sim, altamente humano e social.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil, in **Revista Brasileira de Educação**, Mai, Jun, Jul (nº5) Set, Out, Nov (nº6) ANPED- Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação . nº especial; 1997, pg. 25 a 36.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico – 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ARILHA, Margareth. Masculinidades, Gênero e Saúde: tensões e interfaces entre discursos sobre reprodução. Trabalho apresentado no VI Congresso de Saúde Coletiva (ABRASCO), São Paulo, Março/2000.

_____. Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. In: GIFFIN, Karen e COSTA, Sarah Hawker. **Questões de saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. p. 445-467.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; e DANTAS, Benedito Medrado (orgs.) **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo/ ECOS-Editora 34, 1998.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; KNAUTH, Daniela; e BOZON, Michel. Juventude e família: reflexões preliminares sobre a gravidez na adolescência em camadas médias urbanas. **Interseções: revista de estudos interdisciplinares**, Ano 3 número 2; 2001.

BUTTO, Andrea Zarzar; e SILVA, Joineide de Menezes. Gravidez na adolescência: a antropologia numa experiência aplicada. **Cadernos de Extensão**, N.º 1, Recife: Pró-reitoria de Extensão/ UFPE/ Editora Universitária, dezembro, 1998.

CALAZANS, Gabriela. Cultura Adolescente e Saúde: perspectivas para investigação em OLIVEIRA, Maria Coleta (org.) **Cultura, Adolescência, Saúde: Argentina, Brasil, México**, Consórcio de Programas de Saúde Reprodutiva e Sexualidade na América Latina (CEDES/COLMEX/NEPO-UNICAMP), 2000. P. 44-97.

GIFFIN, Karen e CAVALCANTI, Cristina. Homens e reprodução. **Revista Estudos Feministas**, IFCH/UFRJ e PPCS/UERJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1 e 2, p. 53-71, 1999.

LEAL, Ondina Fachel. Impases de la paternidad: la reproducción desde la perspectiva masculina em Norma Fuller (ed.) **Paternidades em América Latina**, Pontificia Universidad Católica del Perú Fondo Editorial, 2000.

LEAL, Ondina Fachel e BOFF, Adriane de Mello. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: Parker, R & Barbosa, R. (Org.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

LERNER, Susana (editora). **Varones, sexualidad y reproduccion: diversas perspectivas metodológicas e hallazgos de investigacion**, México, El Colégio del México, Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano, Sociedad Mexicana de Demografía, 1998.

LONGHI, Márcia Reis. **Ser homem, pobre e pai: a construção cotidiana da relação pai-filho nas camadas de baixa renda**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE, dissertação de mestrado, Recife, 2001.

HUDELSON, Pamela. **Qualitativa Research in Health**. Genebra: World Health Organization, 1996.

MADEIRA, Felícia Reicher (org.) **Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil.**

Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

MOTTA, Alda Britto da. Introdução: Gênero, Família e Fases do Ciclo de Vida **Cadernos CRH.** Salvador, Centro de Recursos Humanos/ UFBa, 1998.

NASCIMENTO, Pedro. **Ser homem ou nada.** Dissertação do Mestrado em Antropologia, UFPE, Recife, 1999.

NEVES, Delma Pessanha. “Nesse terreiro o galo não canta”: Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda. **Anuário Antropológico 83,** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Fortaleza: UFC, 1985. pp. 199 - 224.

OLAVARRÍA, José. Desejo, prazer e poder: questões em torno da masculinidade heterossexual. In: BARBOSA, Regina Maria e PARKER, Richard (orgs.). **Sexualidades pelo avesso:** direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 153 – 174.

PEREA, Juan Guillermo Figueroa. Algunas Reflexiones sobre los varones y los derechos reproductivos. In: LERNER, Susana (editora). **Varones, sexualidad y reproducción: diversas perspectivas metodológicas e hallazgos de investigación.** México: El Colégio del México, Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano, Sociedad Mexicana de Demografía, 1998. p. 431-438.

QUADROS, Marion T. Homens e contracepção em grupos sociais distintos. Trabalho apresentado no VII Encontro de Antropólogos do Norte – Nordeste (ABANNE), Recife, 2001.

QUADROS, Marion Teodósio e SCOTT, R. Parry. O masculino na saúde sexual e reprodutiva em Pernambuco. Trabalho apresentado no 2º Congresso de Ciências Sociais e Saúde. São Paulo. Dezembro, 1999.

RIBEIRO, René. O amaziamento e outros aspectos da família no Recife. In: RIBEIRO, René. **Antropologia da religião e outros**

estudos. Recife: Massangana, 1982, pp. 59-70.

SCOTT, R. Parry. O homem na Matri-focalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. **Cadernos de Pesquisa,** nº 73, maio, São Paulo, 1990, pp. 38-47.

_____. “Comparáveis ou incom-paráveis? família de trabalhadores rurais, pobres urbanos e classe média”. In: MOTTA, Alda Britto da; HOFFNAGEL, Judith Chambliss e outros. **Seminário Nordeste, O Que Há de Novo?** Natal, 1988. p. 45 - 56.

_____. A Etnografia da família de camadas médias urbanas e pobres urba-nos: trabalho , poder e a inversão do público e do privado. Trabalho Apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxias do Sul, 1993.

_____. (coord.). **Saúde e Pobreza no Recife: poder, gênero e representações de doenças no bairro do Iburá.** Recife: NUSP - Editora Universitária - UFPE, 1996.

_____. Quase Adulta, Quase velha: por que antecipar as fases do ciclo de vida? **Interseções: revista de estudos interdisciplinares,** Ano 3 número 2; 2001.

TANNEN, Deborah. **You just don't understand: women and men in conversation.** New York: William Morrow, Ballantine, 1990.

VICTORA, Ceres; KNAUTH, Daniela; e HASSEN, M.N.A. (orgs) **Pesquisa Qualitativa em Saúde.** Porto Alegre: Tomo, 2000.

VIGOYA, Mara Viveiros. Esterelización masculina, dinámicas conyugales y ámbitos de poder: un estudio de caso colombiano. In: SCAVONE, Lucila (comp.). **Género e salud reproductiva en América Latina.** Cartago: Libro Universitario Regional, 1999. p. 153- 177.

_____. Paternidades y mascu-linidades en el contexto colombiano contemporáneo, perspectivas teóricas e analíticas em Norma Fuller (ed.) **Paternalidades en América Latina,** Pontificia Universidad Católica del Perú Fondo Editorial, 2000.

VILLA, Alejandro M. «Significados da reprodução na construção da identidade masculina em setores populares urbanos». In: COSTA, Albertina (org.) **Direitos Tardios. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina**. São Paulo: FCC/Ed. 34, 1997. p. 115-140.

WOORTMANN, Klaas. Casa e família operária. **Anuário Antropológico/80**. Edições Tempo Brasileiro/Edições UFC. Rio de Janeiro/Fortaleza, 1982, p. 119-150.

_____. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: CNPq, 1987.

ZALUAR, Alba; **A máquina e a revolta**. São Paulo, Brasiliense. 1985.

_____. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro, Revan: Ed. UFRJ, 1994.

ZSASZ, Ivonne. Varones mexicanos: género, sexualidad y salud reproductiva, **Revista Estudos Feministas**, IFCH/UFRJ e PPCS/UERJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 186-199, 2000.

Abstract

Based on data from four focus-group sessions conducted in 2001 with young residents of the Ibura district of the northeastern Brazilian city of Recife, this paper compares women's and men's perspectives on various topics related to reproductive health. It deals with matters related to work, reproduction and sexuality as well as to socialization and parent-child relationships, each of which was discussed explicitly during the group sessions. There were two foci: first, to identify converging items among youth in order to understand the specificity of poor urban district residence; and, second, to identify differences in the ways young men and young women approach similar subjects, in order to highlight the specificities of gendered perceptions. The interpretation first emphasizes differences in the description of living and working environments, and then deals with the notion of violence and relations among neighbors. The next section deals with family life, sexuality and prevention, comparing the practices and discourses of young men and women, where their different frames of reference are discussed. It is clear that the fields of reference of the two sexes are different regarding notions of care and prevention, of neighborhood relations, as well as of differing involvements in the spheres of work and training. On the basis of these results, preliminary recommendations are made concerning gender in the area of reproductive health and concerning respect for the particular condition of poor young urban residents.

Enviado para publicação em 25/10/2002.